**A Vida Monástica e os Desafios Atuais**

Ir. Stella Maris Venezia OCSO

Monasterio Sta. María de la Paz,

Nicaragua. América Central (ABECCA)

**1 - Breve apresentação**

Para os que não me conhecem, meu nome é Ir. Stella Maris Venezia, sou argentina, tenho 59 anos de idade e 34 anos de Vida Monástica na OCSO.

Resido em Nicarágua desde 2001, isto é, há 12 anos, no Mosteiro Santa Maria da Paz, fundação de Hinojo, Argentina (que este ano completou 40 anos de vida), e que, por sua vez é fundação de Vitorchiano, Itália.

 Neste momento somos 12 Irmãs: 7 professas solenes, vindas de Hinojo, 4 junioras e 1 postulante, todas nicaragüenses. Também vive conosco, por alguns meses, outra irmã professa solene de nosso Mosteiro do Equador.

**2 - Introdução e situação eclesial**

 Encontrei uma frase de Galileu Galilei, que pode servir-me de introdução. Ele diz: *Nunca me encontrei com uma pessoa tão ignorante, da qual não pudesse aprender alguma coisa.*

 Quando aceitei dar esta conferência, foi porque me disseram que a deveria fazer, a partir de minha própria experiência. Portanto, não esperem nada de erudito. Devo confessar que não sou especialista em nada, simplesmente vou compartilhar com vocês umas reflexões que mais são fruto do que tenho recebido e continuo recebendo, o que me tem ajudado nesses 34 anos de Vida Monástica e, especialmente nos 12 anos vividos em Nicarágua.

Trato de obedecer ao que me pediram – e é a primeira vez que me vejo diante de um público tão qualificado. Creio que como *captatio benevolentiae* é suficiente.

 Desde que se começou a preparar o EMLA até hoje, muitas coisas “revolucionárias” aconteceram na Igreja e, portanto, no mundo, que não nos podem deixar indiferentes nem passivos.

 Em primeiro lugar, este Encontro ocorre no contexto do Ano da fé.

 Além disto, fomos testemunhas da renúncia de um grande Papa, testemunhas da grandeza de um homem que, com lucidez e humildade, tomou uma decisão diante de Deus que, embora se possa manipular de tantas maneiras - coisa que hoje é moeda corrente, podemos considerá-la na linha

do que o Concílio nos convida a ler como sinal dos tempos.

 Assim, já nos encontramos frente a **um grande desafio: Será que temos a abertura interior necessária, o frescor ou a pureza de coração e de mente, para nos deixarmos interpelar por um gesto de tal magnitude, cujo antecedente histórico mais próximo remonta a vários séculos atrás?**

 E logo o Espírito nos surpreendeu com a eleição do Papa Francisco. Quando víamos pela televisão – nosso Capelão tem televisão e para lá fomos todas – a fumaça branca e logo a proclamação do novo Papa – ou, como ele se chamou a si mesmo: O bispo de Roma, - a surpresa, mesclada com a alegria, nos deixou diante de **outro grande sinal dos tempos. Quê é que o Espírito diz à Igreja Latino-americana, especialmente?**

 E se considerarmos, além disso, como **outro sinal,** é a escolha de **seu nome:** aparece todo um programa de vida ante nossos olhos, que ele nos oferece, e que não começou no dia da eleição, mas que expressa a coerência de seu próprio caminho para Deus.

 Somos uma geração privilegiada e nos toca viver este tempo da Igreja sob o pontificado do primeiro Papa latino-americano da história, o qual nos convida a sair até as periferias. Dentro deste contexto, nos introduzimos propriamente no tema.

**3 – A Vida Monástica e os Desafios Atuais**

 Ao falar de temas como este, sempre corremos o risco de fixar uma parte e esquecer o todo, fixar-nos na árvore e esquecer o bosque.

 **O grande desafio de todos os tempos é crer em Jesus Cristo, é o desafio da fé, a esperança e o amor.**

 Quando Bento XVI convoca o Ano da Fé, ele nos propõe um grande desafio, já que...

1. ... Atravessar esta porta [Porta fidei] *supõe empreender um caminho que dura toda a vida...*2. ... [supõe também] *a exigência de redescobrir o caminho da fé para iluminar de maneira, cada vez*
2. *mais clara, a alegria e o entusiasmo renovado do encontro com Cristo.*

...[e isto, não só pessoalmente, mas com a missão de] *resgatar os homens do deserto e conduzi-los ao lugar da vida, para a amizade com o Filho de Deus, para Aquele que nos dá a vida, e a vida em plenitude.* [E,] *... enquanto, no passado, era possível reconhecer um tecido cultural unitário, amplamente aceito em sua referência ao conteúdo da fé e aos valores inspirados por ela, hoje não parece que seja mais assim, em vastos setores da sociedade, por causa de uma profunda crise de fé que afeta muitas pessoas.*

3. *... o Ano da fé é um convite a uma autêntica e renovada conversão ao Senhor, único Salvador do mundo. ... A “Fé, que atua pelo amor” (Gl 5,6), converte-se em um novo critério de pensamento e de ação, que muda toda a vida do homem (cf. Rm 12, 2; Cl 3,9-10; Ef 4,20-29; 2 Cor 5, 17).*

*4.... a fé só cresce e se fortalece crendo; não há outra possibilidade para possuir a certeza sobre a própria vida, senão abandonando-se, em um “in crescendo” continuo, nas mãos de um amor que se experimenta sempre como maior, porque tem sua origem em Deus.*

Atualmente, como nos diz Bento XVI, não reconhecemos um tecido cultural unitário, mas, penso que todos estamos de acordo em que o homem se mantém, em sua essência, sempre o mesmo, e que ...*de onde quer que venham, os irmãos são, antes que nada, homens que têm mais coisas em comum, que elementos que os separem.*

 Nós, monjas e monges cristãos, fazemos a experiência palpável desta realidade, cotidianamente, em nossa *lectio:* quanto nos identificamos com os personagens da Escritura – não só do Novo Testamento, mas também do *Antigo Testamento -*, como nos toca sua mesma experiência, e como se transforma em veículo da graça de Deus para nossas vidas!

 A Escritura é o único livro que contém, em si mesmo, a dinâmica de comunicar-nos a vida de Deus. Todo o *Opus Dei* possibilita o diálogo com Deus, o progresso no conhecimento e o amor para com Deus e para com os irmãos.

 Nesta semelhança essencial, está o fundamento da possibilidade de transmissão a outras gerações. Não temos que transmitir uma experiência a seres de outros planetas, mas aos que são capazes de entender a linguagem que toca o coração, àqueles a quem – de alguma maneira – a graça de Deus abriu o ouvido e não resistiram: aí temos a experiência do Servo de Javé e do discípulo a quem se dirige S.Bento. O chamado de Deus – que devemos discernir – pressupõe uma disposição dada por Deus para sintonizar com os valores próprios do carisma:

*Toda pessoa que deixa seu ambiente, feito de coisas e relações, para entrar em um mosteiro, é um milagre... Sua vocação não vem de si mesma, e sim de Deus, e é uma graça imensa.*

 Podemos pensar que antes era mais fácil: a vida discorria em ritmo mais lento e havia espaço para interiorizar, para elaborar a Palavra escutada, para que uma emoção pudesse transformar-se em sentimento e este alcançava certa profundidade que ia forjando, pouco a pouco, um desenvolvimento da personalidade, certa madureza que levava a uma opção de vida mais sólida, mais firme e com maior possibilidade de fidelidade.

 Hoje em dia, as coisas não são assim. Uma das características mais notáveis da cultura contemporânea é a *aceleração* que acarreta mudanças internas e externas que, quase, não permitem, ou dificultam bastante, o desenvolvimento dos processos de crescimento, seja no nível humano, seja no espiritual. É o mundo do instantâneo.

 Quê pode significar para um jovem ou uma jovem, de nosso tempo, a parábola da semente que cresce muito devagar, inclusive, enquanto o semeador está dormindo? Talvez lhes chame a atenção, ainda que dificilmente o conectem com sua própria realidade. Porém, quando fazem a experiência de viver em um mosteiro, descobrir esta parábola é algo vital: entrar no lento processo da obra de Deus em mim. E isto pede muita paciência. Às vezes leva toda uma vida, aprendê-lo, pelo menos para mim... que me considero muito lenta nos processos espirituais.

 Isto, podemos considerar como **outro desafio: Que capacidade tem o Mosteiro de não sucumbir ante os apelos da sociedade e da cultura contemporânea que levam ao ativismo e ao individualismo?**

 O Mosteiro teria que ser um lugar de **síntese.** Hoje é uso corrente a *análise,* muito necessária; podemos esquartejar tudo, até o ser humano.

 E muitas vezes, depois, não sabemos para que analisamos tanto, se somos capazes de recompor e dar sentido a uma vida. O Mosteiro é o lugar da integração da pessoa, através do processo de autoconhecimento, inevitável para quem entra na Vida Religiosa, e mais ainda, na clausura. Este processo deve ser sempre acompanhado.

*Um processo lúcido da formação deve, necessariamente integrar a noção do confronto... Por grandes que sejam nossos esforços de boa vontade, nos topamos sempre com o confronto: erros de julgamento e de discernimento, limites demasiado profundos... usura do tempo, falas imprevisíveis, resistências demasiado fortes à obra de Deus. Não se pode estranhar nem desanimar, ou – pior ainda – não se pode resignar-se. Somos os servidores de um desígnio que não é o nosso e do qual nunca temos todas as cartas na mão. A liberdade humana é um mistério, e o combate entre as trevas e a luz é uma realidade palpável. O fim, o tempo, mestre de todos nós, é aqui um fator determinante: revela sem piedade nossa aptidão para construir o sólido sobre o sólido, ou empilhar tijolos que cairão ao primeiro vendaval. Discernir a capacidade da perseverança é delicado e jamais seguro...*

 O carisma beneditino-cisterciense é uma resposta muito válida para atender à busca de identidade do homem e, por conseguinte, também, dos jovens de hoje. Eles trazem um grande desenvolvimento no aspecto tecnológico e, ao mesmo tempo, um grande vazio no que se refere ao cultural, à capacidade de pensar e de integrar o vital, por isso:

*A formação humana é, hoje em dia, mais necessária e, sem dúvida, mais delicada que outrora. Os irmãos jovens estão mais marcados pelo quadro (ou melhor ainda, pela ausência de quadro) de sua vida fora do mosteiro, as personalidades são pouco estruturadas, com frequência, por causa de uma vida familiar caótica. Pedem-se da comunidade coisas para as quais ela não está preparada e que podem ultrapassar suas capacidades. Com frequência, o discernimento é grande...*

 Tudo isto, no contexto da ***ditadura do relativismo*** – conhecida expressão de Bento XVI e retomada, ultimamente, pelo Papa Francisco – quanto à verdade, ao bem, à beleza; cada vez mais se aprofunda a desestruturação da família, e se está à mercê da pressão e bombardeio dos meios de comunicação, que têm grande capacidade de hipnose sobre as pessoas, submetendo seu pensamento, e fazendo-as prisioneiras de atrativos falazes, que suplantam a verdade.

 A Verdade existe e ela se nos dá a conhecer: Jesus é a Verdade. Olhar a Jesus, deixar-nos plasmar por Ele, por seu Evangelho, segui-lo, fazer-nos discípulos... Como me dizia uma das junioras, alguns meses atrás: *O Evangelho está aí, e é claro, a Regra está aí e é clara...* Mas, como todos, queremos a Vida gloriosa sem passar pela cruz, buscamos e racionalizamos mil formas de evitar justificadamente o encontro com a Verdade, com o Evangelho. E isto se dá fora e dentro dos mosteiros.

 Deste relativismo, deriva o poder de **prescindir de Deus**. Ou, se não prescindimos d’Ele, o conservamos como parte de nossa tradição, mas, Ele não toca a vida. Há alguns anos, o embaixador da França veio conhecer o Mosteiro: um jovem amável, inteligente e com uma bondade natural. Porém, sem nenhum falso pudor, nos disse que Deus não lhe fazia falta. No Mosteiro, seria incoerente prescindir de Deus, porém muitas vezes, (Deus) fica deslocado por nossa necessidade de protagonismo ou, simplesmente, porque nos descentramos de sua busca.

 Olhando para nosso povo: sabemos que há nele uma religiosidade muito profunda, talvez pouco instruída, porém, verdadeira e, como diz “Aparecida”, à espera de ser ajudada a alcançar uma plenitude de maior verdade. É uma boa massa, e há valores no povo humilde (como também há anti-valores) que se conservam em sua pureza: gratidão, benevolência, humildade, fraternidade, capacidade de partilhar... Deus e a Virgem estão sempre presentes, ainda que não na mesma proporção de umas décadas atrás, pelo avanço das seitas e também do secularismo, que chega a todas as partes dos extratos sociais.

**4.- Os jovens de hoje**

 Eu não gosto de falar que *os jovens de hoje são... de tal ou qual maneira.* Porque eles vêm do mundo que nós mesmos forjamos, nós que hoje nos consideramos adultos. As pautas culturais, morais, sociais, antropológicas, religiosas etc., nós é que as traçamos.

Mas, é comum escutar frases como: *a fragilidade dos jovens de hoje.*

*Dadas as situações com as quais nossas gerações não foram confrontadas, vejo que* [os jovens] *não se regem tão mal. Dizemos que eles são imaturos, todavia, estão, por sua vez, melhor informados, são mais abertos às diferenças nas realidades, e são mais lúcidos acerca das debilidades de seu tempo, do que se era anteriormente. Continua certo que as condições (em especial as familiares) às quais grande número deles se veem submetidos, chocam de frente com algumas das maiores exigências de nossa forma de vida: o papel do pai – não é totalmente certo que seja mais difícil enfrentar a vida “sem pai” (nas gerações atuais) que “contra o pai” (no caso das gerações precedentes) – o equilíbrio dos sentimentos, o lugar da sexualidade, o manejo dos conflitos etc. ... Devemos ser conscientes desses obstáculos, sem exagerá-los. Não devemos arvorar-nos em pais substitutos e menos, tampouco situar-nos como seus companheiros; devemos medir bem até que ponto é possível aceitar suas limitações, ser capazes de administrar na forma gradativa da evolução, suas atitudes, e não deixar-nos impressionar até o ponto de rebaixar as verdadeiras exigências de nossa forma de vida; os jovens, mesmo feridos, não têm nada que fazer com uma vida de redução que, em lugar de ajudá-los a ir em frente, os retém em suas debilidades.*

 E somos nós, os adultos que não temos feito, muitas vezes, um sadio processo de interiorização dos valores monásticos, de maturidade espiritual, que proporcione aos jovens chegarem ao ponto necessário de sanar as feridas que trazem de uma sociedade tão ambígua.

 A região de nosso Mosteiro, na zona rural, é muito pobre, ainda que não tenhamos muitos vizinhos. Porém, muita gente se aproxima, sobretudo, na quartas-feiras, em que damos uma ajuda em alimentos e remédios aos mais necessitados. E é muito triste ver jovenzinhas de 14 ou 15 anos com seu bebê nos braços, que já condicionaram sua vida sem ter podido escolher. Ou outras que vão viver com um rapaz e em pouco tempo fracassam, voltam grávidas para suas casas. Já não buscam a felicidade. Nota-se-lhes a tristeza nos olhos:

*... tristeza e medo, que podem manifestar-se, a miúdo, em uma passividade resignada...*

...Com a palavra felicidade *entramos no desafio de hoje em dia.* ***Em geral,*** *os jovens não creem no seu desejo de felicidade. O secularismo os faz mais céticos do que parece... podemos notar certa tristeza neles.*

 Certamente, a pobreza gera esse tipo de situação, mas também a ignorância. Os rapazes também, já desde adolescentes, bebem, vivem na violência, nas drogas etc. Situações muito difíceis de reverter.

 Eu me pergunto: Quê saberão esses jovens, do amor verdadeiro?

 Sabemos que o machismo é parte de nossa cultura e, às vezes, também o matricentrismo, que se cria a partir da ausência do pai. **Qual é seu horizonte de vida?**

 Um mosteiro tem que ser capaz de oferecer um âmbito de vida que interpele, sobretudo, na capacidade de maravilhar-se e de abrir-se a novos horizontes: como a primeira comunidade cristã. É a forma de Evangelização que nos corresponde.

 Em um mundo muito violento e absurdo, **o grande mandamento é amar-se uns aos outros**, viver afetuosamente com meus irmãos e irmãs, não ter medo da ternura, como nos dizia o Papa Francisco, viver com os demais pacífica e positivamente.

**5. O acolhimento das novas gerações**

 Nosso mundo monástico na América Latina é muito variado. Nosso denominador comum é a Regra de São Bento.

 Eu pertenço a uma jovem comunidade e os desafios que enfrentamos podem ser distintos dos das comunidades que já contam décadas de presença nos diferentes países. Também há comunidades que tiveram uma continuidade na afluência de vocações, e outras nas quais houve um período considerável de ausência de novas vocações e que perseveraram.

 Aqui podemos introduzir o tão sonhado tema da inculturação, seja no espaço, seja no tempo. Pessoalmente, penso que a inculturação seja uma questão de amor e humildade, de maternidade e paternidade. De amar as pessoas que encontramos ali, onde estamos vivendo a Vida Monástica. Inclusive, pode ser que nunca nos adaptemos à alimentação ou à linguagem.

 Não devemos assumir complexo, porque isto, nos perdoam, se percebem em nós o amor, o desejo de que vivam, de que recebam o melhor do carisma do qual somos portadores. E o carisma não é nosso, não são as práticas às quais estamos acostumados em nosso país, em nossa cultura: isto seria uma mentalidade colonialista. *Em nosso mosteiro fazíamos assim...* Pareceria que não se pode desligar, o valor, da prática. Tampouco se trata de renegar uma memória.

*A formação depende muito de nossa relação com a memória e com sua transmissão. Nossa época conserva uma relação ambígua com seu passado: ou o adula ou o despreza, mas as pessoas, raramente, têm lucidez a este respeito. Precisamente, sem dúvida, porque o vê como “passado” e não como um elemento de transmissão de uma memória. A ruptura da memória, tanto para uma pessoa como para um grupo, é algo dramático, que conduz à completa desorientação, à angústia e ao desespero. De igual modo, um grupo que está atacado de uma mesma enfermidade, luta por reencontrar seus pontos de referência, por fazer comparações, por reconhecer-se herdeiro, mais do que criador ou, mais exatamente, criador, precisamente porque é herdeiro. Uma das falhas que mais marcam esses jovens irmãos que se apresentam é justamente esta: não sabem quem são, porque não sabem de onde vêm (as manipulações de hoje dão um caráter físico ao problema, até fazem a gente tremer). Portanto, é da maior importância que eles se reencontrem com pessoas que têm (mais ou menos) clareza a respeito destes temas e como comunidades que vivem uma relação equilibrada com sua memória. Se este é o caso, se produzirá, sem dúvida, uma espécie de osmose pela qual um jovem irmão se apropriará da memória comum e se converterá, por sua vez, em “transmissor de memória”, enriquecendo-a com sua própria experiência. Se não é este o caso, fabricaremos pessoas nostálgicas e desorientadas. A mim, me parece que aqui se encontre uma das maiores encruzilhadas de nossos dias; ao buscar nossa própria maneira de enfrentá-la, nos situamos no coração da Igreja que vive a mesma dinâmica.*

 Acolher novas gerações em uma fundação é uma experiência complexa, já que a mesma comunidade está trabalhando em sua própria identidade, fazendo-se, pouco a pouco, realmente uma comunidade com entranhas maternas. De algum modo, reproduzimos a situação do povo do país. Uma fundação é um pouco adolescente e já se vê com crianças nos braços para educar. **A educação é outro grande desafio** destes tempos.

 Não é que não se tenha feito um trabalho prévio com o grupo, na casa fundadora, um trabalho de diálogos, encontros, partilha etc. Porém, outra coisa é ir crescendo juntas, em torno de uma nova realidade, buscar uma nova unidade em torno de uma nova superiora. O processo a adotar depende muito da maturidade da comunidade adulta. Sobretudo da maturidade espiritual. Isto influi muito no acolhimento das novas gerações. Corremos o risco de exigir dos outros, dos mais jovens, aquilo que nós mesmos não vivemos.

*O que está na base de uma verdadeira* [educação ou] *formação, é a suficiente clareza sobre os princípios que se vão transmitir. Uma comunidade deve saber o que é, e o que quer para poder ser verdadeiramente formadora. Esta clareza deve ser experimentada, em primeiro lugar, em uma prática, na qual os irmãos não sejam somente devotos, para que os demais se convertam em contemplativos...*

*Os que ingressam podem, então, encontrar nela o apoio necessário para superar suas fraquezas e manter o entusiasmo para viver uma experiência construtiva.*

 Todo caminho de educação pressupõe o educador e o educando. E assim entramos no **tema da autoridade que é outro grande desafio para a Vida Monástica,** já que está muito desprestigiada no mundo e na cultura atual. Aqui entram os critérios mundanos de **poder sem serviço**, onde tudo é “permitido” com a condição de permanecer no cargo: corrupção, fraude, mentira, populismo, afirmação por oposição e não por diálogo etc., temas bem conhecidos para os povos latinoamericanos.

*A relação educativa é relação entre autoridade e uma liberdade* (Card. Cafarra). *Sei, por experiência, o risco de entender a relação educativa como uma relação entre duas liberdades e nada mais...*

*Os candidatos necessitam saber quem é sua autoridade, ou se têm que ser eles mesmos, para si mesmos; se há um caminho maior que eles, e alguém que o conheça ou não. Inclusive, se os jovens das últimas gerações têm pouco “sentido da autoridade” e, em geral, tendem a “colocar-se no mesmo nível” ou, pelo contrário, “tornar-se os bebês” (os dois modos podem coexistir no mesmo candidato), inclusive estes têm sede de alguém a quem seguir de verdade.*

 Por isto, o papel dos adultos e das pessoas encarregadas da formação é de vital importância.

*... importa que o abade e o mestre de noviços não somente trabalhem juntos, mas que, sobretudo, trabalhem na mesma direção; quero dizer, que tenham clara a finalidade da formação, no plano “teórico” (acordo objetivo sobre o que dizem nossos documentos fundamentais), mas também no plano “prático”: sobre a maneira de dar vida “hic et nunc” a estas orientações fundamentais... Se não há harmonia entre os formadores, a este respeito, o trabalho será estéril e inclusive, contraproducente. Esta unidade de pensamento e de ação, devem-na ter todos os que participam na formação: professores, orientadores de estudo, responsáveis dos trabalhos...* [trata-se] *de criar uma consciência comum que proporciona uma grande liberdade de expressão, tanto aos formadores quanto aos formandos... Isto exige, por parte dos formadores, uma capacidade real de adaptação, uma flexibilidade que não deve ser confundida com debilidade, e que é a condição para relações equilibradas e construtivas.*

*Com respeito à autoridade: ... tem autoridade verdadeira, quem reconhece sobre si uma autoridade; é mãe / pai quem sabe que é filho da Igreja.*

 Nossa comunidade está justamente na etapa da integração da primeira geração nicaragüense. E isto exige muita paciência, humildade, maternidade e discrição. A comunidade fundadora foi portadora de um grande entusiasmo, um grande impulso. Em nosso caso, nos encontramos em uma situação de muito isolamento: mudança de cultura, ainda que com um mesmo idioma, o que não garantiu, automaticamente o entendimento.

 Além disso, fomos e continuamos sendo a única comunidade monástica da Regra Beneditina de vida contemplativa. A casa fundadora estava muito longe e as possibilidades econômicas não permitiam viagens frequentes.

 Nenhuma comunidade masculina: não estamos acostumadas a isto, pois, na Argentina, os irmãos de Azul prepararam a fundação, e logo a relação fraterna vivida fazia parte da própria vida monástica, já que o carisma se manifesta melhor, na complementariedade, sendo uma Ordem com dois ramos: masculino e feminino.

 Isto permitiu que se potenciassem todos os dons de cada irmã para o serviço da implantação do novo Mosteiro (como o do século XII). E cada uma deu e continua dando o melhor de si mesma. A construção foi levada a cabo com muita eficiência, por uma das irmãs, assim como cada uma contribuiu com o que tinha na liturgia, na acolhida, na formação e nos cursos correspondentes, no trabalho doméstico e rentável. Tudo isto com o desejo de ver muitas jovens que se entusiasmassem por este gênero de vida.

 Vivemos um ano e meio na aldeia de São Pedro, em uma casa de família, com todas as vicissitudes e piadas que se possam imaginar. Isto nos ajudou a conhecer melhor o povo do lugar e contribuiu para que nos conhecessem, embora, sobretudo, umas mais que as outras, sofríamos a falta do Mosteiro, que se ia construindo, pouco a pouco.

 Entraram muitas jovens em todo este tempo, mas muitas saíram (a maioria das vezes, a pedido nosso). Agora temos 4 junioras e uma postulante. E as 4 junioras estão bem integradas na vida da Casa, com responsabilidades importantes. Esperamos que neste ano, duas delas façam sua profissão solene.

 Isto marca uma nova etapa, aquela na qual estamos atualmente, e que se experimenta como um parto, e se sofrem dores de parto, até que nasça a nova criatura, pondo em prática o que nos aconselha São Bento na Regra: valorizar a sabedoria dos anciãos e a iniciativa dos jovens, para trabalhar todos juntos na unidade e na paz da comunidade. Porém, temos que estar conscientes de que não é uma tarefa fácil nem automática.

*A diferença de gerações é um fato biológico, cujas ressonâncias na vida comum são numerosas. Não é evidente poder viver certa “sinfonia” de gerações, e cada tipo de geração requer uma reflexão própria: os anciãos, para aceitar sua condição, os mais jovens para relativizar a deles mesmos. A harmonia não se dá por si, deve-se buscá-la; é preciso desconfiar “aqui como em outras partes” dos slogans fáceis: ‘os anciãos são incapazes de evoluir’, ‘os jovens têm muito que aprender’ etc. ... A verdadeira norma, parece-me que seja a da transmissão...*

*A vida de hoje nos apresenta questões que não são fáceis de identificar, e às quais, não é evidente responder. É necessário, de preferência, evitar “equivocarse de guerra” e compreender que os questionamentos de hoje (e por consequência, a maneira de contestá-los) não são os mesmos de 20 ou40 anos atrás. Temos que ser cuidadosos em não engajar os jovens nos combates antigos, que nada têm a ver com eles e que não lhes pertencem. Uma boa análise da situação requer bastante cuidado e nuances, e é indispensável para poder enfrentar as perguntas que se nos apresentam.*

**6. Outros desafios importantes:**

 Mencionarei apenas, para não ser exaustiva, outros importantes desafios para a Vida Monástica de nosso Continente:

* **Complexidade do trabalho rentável em países de muita instabilidade política, social e econômica, e consequente dependência econômica.**
* **Relações complementárias homem / mulher, em um meio machista e numa sociedade onde se questiona a identidade de gênero.**
* **O uso dos meios de comunicação:**

*O uso dos meios tecnológicos de comunicação de hoje nos obriga a uma séria reflexão e a decisões muito delicadas. A formação tem um interesse muito direto neste assunto.*

*O aspecto imediatamente acessível do universo virtual vai diretamente ao encontro de nossa maneira de viver, que supõe a utilização paciente do tempo e um sentido do real, em oposição às ilusões. Todavia, não é principalmente por medo dos perigos que existem no uso desses meios, que devemos nos reger. É preciso medir o que se ganha e o que se perde, na utilização desses meios, e tirar daí, as conclusões práticas que se impõem.*

*Algumas são evidentes, há outras mais matizadas, porém, o certo é que não se pode evitar este questionamento, sem correr riscos maiores. É necessário, também, notar que, muito a miúdo, os jovens recém-chegados, não estranham nossa reserva a este respeito, mas lhes surpreenderia o contrário, pois neste aspecto, eles não têm certo número de ilusões que são próprias das gerações mais antigas.*

Talvez a nova era tecnológica afete mais a geração média que os jovens. Em nossa experiência, as jovens que entram sabem muito bem que devem deixar para atrás os meios de comunicação modernos. Entram sem computador e sem celular. Se o trazem, entregam-no. Têm que prescindir deles. E, em geral, não criam problemas: querem fazer uma opção de mudança radical. Constata-se, também que, quando, crescendo, devem usá-los, são muito mais livres e responsáveis no seu uso.

 É claro que, na minha comunidade, a internet apareceu, há pouco tempo, e seu uso é restrito. Foi a tradição que recebemos de nossa casa fundadora e é um bem, já que conhecemos a experiência de outras comunidades que deixaram liberdade, e agora não sabem como voltar atrás.

**7. – Conclusão:**

 Para terminar: Escutei, no âmbito da Vida Religiosa, uma pergunta formulada assim: **Como tornar a Vida Religiosa atraente?**

 Pareceria que a Vida Religiosa necessita uma espécie de **maquiagem**  para atrair os jovens... Talvez, hoje, não seja apropriado aplicar o processo, que São Bento indica na Regra, acerca das injúrias que se deve proporcionar ao candidato que espera à porta do Mosteiro. Mas, parece-me que, tampouco devamos gastar nossa imaginação, pensando em como atrair...

 Sempre, e em todos os tempos, é o Senhor quem chama. Nossa vida será atraente, na medida em que os que fomos chamados dermos testemunho da beleza de uma vocação como a nossa, e não elaborar coisas fictícias como ardil para engajar os jovens.

 Só a experiência pessoal de um Amor que é capaz de encher nossa vida, nosso coração, todos nossos desejos legítimos de amar e ser amados, através do Mistério Pascal de morte e ressurreição, única fonte de vida verdadeira, será convincente para o mundo.

* ***PORTA FIDEI****: Carta apostólica em forma de Motu próprio do Sumo Pontífice Bento XVI com a qual convoca o Ano da fé.*
* *Conferência de Dom Patrick de Sept-fons, ocso, sobre la formacão.*
* *M. Lucia Tartara de Nasí Paní, ocso: Los candidatos.*